



## Open Research Online

### Citation

Silva, Elizabeth (2015). Classe social e gênero: ativos de herança e ativos de escolha [Social class and gender: inherited and elective assets]. *Plural*, 21(2) pp. 20–46.

### URL

<https://oro.open.ac.uk/44184/>

### License

(CC-BY-NC-SA 4.0)Creative Commons: Attribution-Noncommercial-Share Alike 4.0

### Policy

This document has been downloaded from Open Research Online, The Open University's repository of research publications. This version is being made available in accordance with Open Research Online policies available from [Open Research Online \(ORO\) Policies](#)

### Versions

If this document is identified as the Author Accepted Manuscript it is the version after peer review but before type setting, copy editing or publisher branding

## CLASSE SOCIAL E GÊNERO:

ativos de herança e ativos de escolha\*

*SOCIAL CLASS AND GENDER:*

*inherited and elective assets*

Elizabeth B. Silva<sup>a</sup>

**Resumo** Este artigo discute até que ponto as posições de classe na Grã-Bretanha contemporânea foram herdadas dos pais e que tipo de escolhas em termos conjugais (e seus efeitos) homens e mulheres fazem em posições sociais diferentes. De modo inovador, o artigo investiga os diferentes ativos herdados de pais e mães por filhos e filhas, visando a um exame refinado dos efeitos de gênero, ainda não presente na literatura. Discriminam-se também as escolhas conjugais de homens e mulheres. Essas explorações se apoiam no material empírico desenvolvido para o estudo britânico Capital Cultural e Exclusão Social (CCSE, na sigla em inglês), inspirado pelo trabalho de Pierre Bourdieu sobre *capitais* e *habitus* na definição das posições dos indivíduos nas classes sociais. O artigo indica que o gênero, uma ativo mal compreendido por Bourdieu, afeta a posição de classe de formas sutis e complexas, sendo muito significativo em certos aspectos.

**Palavras-chave** classe social; gênero; Bourdieu; CCSE; transmissão intergeracional; afinidades eletivas.

**Abstract** *The paper discusses the extent to which class position in contemporary Britain has been inherited from parents, and the kinds of choices of partners (and their effects) women and men in different social positions make. It innovatively investigates the different assets originating from fathers and mothers, upon sons and daughters, a refined examination of the effects of gender, not attended to in the existing literature. It also differentiates the elective partnership of men and women. This exploration draws from empirical material developed for the British study Cultural Capital and Social Exclusion (CCSE), engaging with the work of Pierre Bourdieu about capital*

---

\* Artigo traduzido do original, *Social class and gender: inherited and elective assets*, por Alvaro Augusto Comin, professor do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo.

<sup>a</sup> Professora Titular de Sociologia da Faculty of Social Sciences – The Open University, Reino Unido.

*assets and habitus for the position of individuals in social classes. The paper indicates that gender, a misrecognised asset in Bourdieu, affects class position in subtle and complex ways, being very significant in some aspects.*

**Keywords** *social class; gender; Bourdieu; CCSE; intergenerational transmission; elective affinities.*

## INTRODUÇÃO

Em muitos censos nacionais, a posição de classe da mulher deriva da do homem chefe de domicílio, sempre que um homem está registrado como cônjuge residente. A classe do domicílio tende a ser definida pelo mesmo critério; homens figuram como chefes de domicílio mais frequentemente do que mulheres. Quando não apenas um indivíduo, mas todo o conjunto de indivíduos vivendo juntos é levado em conta na soma dos ativos que são considerados para a definição do domicílio em termos de classe social, uma série de pressupostos e hierarquias deve ser esclarecida. A classe de um indivíduo e os efeitos de seus ativos relacionais e de gênero, tanto herdados quanto adquiridos, sobre posição e mobilidade de classe, é assunto ainda pouco conhecido pelos sociólogos. Este é o tema explorado, de forma teórica e empírica, neste artigo.

As questões-chave a perseguir são: até que ponto a posição social de um indivíduo é herança da posição social de seus pais? Quais as diferenças relativas na influência do *status* ocupacional e do nível de instrução de mães e de pais sobre a posição social dos indivíduos? Como as escolhas conjugais se relacionam com a posição social de um indivíduo? Até que ponto as escolhas conjugais de homens e mulheres variam? Como essas escolhas afetam os ativos de mulheres e homens em termos de sua posição de classe? O foco em gênero é central para a exploração dessas questões e o esquema teórico de Pierre Bourdieu oferece perspectivas valiosas para se refletir sobre essas conexões.

Tendo em vista que estes tipos de conexões – verticais, pela via da transmissão de pais para filhos; e laterais, pela via das escolhas de cônjuges – estão assentados em premissas sobre ativos de herança e ativos de escolha e seus impactos sobre a posição de classe, o debate entre agência e estrutura presente no trabalho de Bourdieu oferece um bom ponto de partida. No esquema teórico bourdieusiano, o jogo mútuo entre agência e estrutura se apoia nas diferentes habilidades que os indivíduos têm para criar e definir sua identidade, que, por sua vez, dependem dos recursos, sob a forma de capital social, cultural e econômico, que um indivíduo

possui<sup>1</sup>. *O habitus* – um modo presumido de se portar socialmente – liga a posição social e as interações sociais de modo imperceptível dentro de cada campo específico. A habilidade de agir, que está fundamentada tanto nos recursos disponíveis quanto na capacidade dos indivíduos para empregá-los, define, em um campo, a posição do indivíduo em relação aos demais. Esse padrão de relacionamentos deixa tensões não resolvidas sobre como o modelo posiciona o indivíduo e seus relacionamentos com outros indivíduos.

São utilizadas aqui informações da pesquisa Capital Cultural e Exclusão Social (CCSE<sup>2</sup>), levada a cabo na Grã-Bretanha, entre 2003 e 2006. O grosso do material de pesquisa do CCSE consiste de *survey* nacional com 1.564 entrevistados, utilizados neste artigo<sup>3</sup>. As entrevistas cobriram os interesses culturais das pessoas nas áreas de artes visuais, música, literatura, televisão, cinema, esporte e lazer. Trata-se do mais extenso estudo sobre gostos culturais, participação e conhecimento jamais feito no Reino Unido, permitindo um mapeamento sistemático a partir de evidências quantitativas e qualitativas<sup>4</sup>.

Os principais resultados da pesquisa CCSE foram publicados em *Culture, class, distinction* (BENNETT et al., 2009). Este trabalho examina como clivagens e divisões culturais sistemáticas são consistentes com a delineação do capital cultural, por meio do envolvimento dos indivíduos com a cultura, em termos de participação, conhecimento e gostos nos campos da música, da literatura e das artes, na mídia e nas práticas corporais; e demonstra como a classe média e a classe trabalhadora se envolvem com aspectos diferentes da cultura. Para tanto, o estudo separou as diferentes atividades culturais com base nas práticas e nos gostos, criando um mapa de práticas e gostos e o associando a distintos eixos de diferenciação. Superpondo

---

1 Capital cultural deriva tanto dos diplomas que um indivíduo, ou grupo de indivíduos, acumulou ao longo de sua trajetória pelo sistema educacional formal quanto das disposições intelectuais e culturais, competências e gostos incorporados pela socialização contínua e implícita no interior da família, comunidade ou classe social em que o indivíduo se encontra inserido desde seu nascimento. Capital econômico se refere à renda familiar, ao salário, aos ativos e a qualquer outra fonte de recursos financeiros de que o indivíduo disponha. Capital social deriva do estoque de vínculos sociais e conhecidos que uma pessoa acumula em função de sua origem social e das instituições e dos espaços sociais pelos quais ela passa ao longo de sua vida e dos quais ela, presumivelmente, extrai o *status* e o prestígio de pertencer a determinada família, grupo social ou vizinhança (BOURDIEU, 1984). Conferir elaboração detalhada em: Silva, E. B. (no prelo) ‘Cultural Capital’, entry to *The Encyclopedia of Social Theory* edited Brian Turner et al., forthcoming 2016.

2 Cultural Capital and Social Exclusion.

3 O projeto CCSE combina metodologias diferentes. Além de *survey* quantitativo, foram realizados 25 grupos focais, 44 entrevistas qualitativas em domicílios e 11 entrevistas com membros da “elite”.

4 A equipe do projeto Cultural Capital and Social Exclusion: a Critical Investigation, financiado pelo Economic and Social Research Council (ESRC), projeto número R000239801, do Reino Unido, é formada por Tony Bennett (pesquisador principal), Mike Savage, Elizabeth Silva, Alan Warde (pesquisadores corresponsáveis), David Wright e Modesto Gayo-Cal (pesquisadores contratados).

as variáveis sociodemográficas ao mapa cultural, o estudo demonstrou que fatores associados a ativos materiais e educacionais, derivados da classe ocupacional e dos níveis de educação atingidos, são muito importantes (consultar Bennett et al., 2009, capítulo 3). O grau de instrução está fortemente associado aos níveis de participação cultural, com a variável classe ocupacional também apresentando elevada associação. Classe ocupacional e nível de instrução são, demonstravelmente, importantes para a estruturação das práticas culturais na Grã-Bretanha e, potencialmente, em outras sociedades.

Para Pierre Bourdieu (1977; 1984), um *habitus* específico de classe se forma no espaço doméstico, e é na família, primariamente, que os capitais cultural, econômico e social são transmitidos entre gerações. É trabalho do cientista desencavar as conexões ocultas entre o espaço doméstico e o sistema educacional e revelar como elas dão origem a projetos de carreira, reforçando as bases dos privilégios sociais. As conexões entre esses temas são frequentemente sutis, sublinhando problemas na forma como Bourdieu emprega forças subjacentes invisíveis para explicar o funcionamento do social. Isso é particularmente evidente em sua abordagem do “campo” da família. A maior parte do trabalho social de posicionar os indivíduos provém da transmissão de gostos incorporados pela criação no interior da família e do sistema educacional. Bourdieu põe grande ênfase na origem social e na trajetória social, destacando que o *habitus* (a experiência pretérita que informa, no presente, como vivemos neste mundo) terá enorme influência sobre o destino social dos indivíduos.

Em um texto mais antigo, Bourdieu e Jacques Passeron (1979) consideram o capital cultural como a mais importante forma de capital para as crianças na escola. Ele é herdado dos pais e consiste na familiaridade com a cultura dominante expressa por meio de códigos culturais, formas de conduta e uso de linguagem que conformam o *habitus*, predispondo o agente a valores e motivações particulares. Crianças de classe média têm melhor desempenho na escola porque o sistema educacional reflete a cultura dominante. Crianças de origem social menos afortunada têm desempenho pior porque lhes faltam os recursos que favorecem a familiarização com essa cultura; e elas também rejeitam o sistema escolar por ser ele alheio aos seus interesses. Possuindo níveis diferentes de capital cultural, os pais ajudam seus filhos de formas diferentes, promovendo resultados diversos em suas carreiras educacionais e profissionais.

A centralidade da família para as trajetórias sociais está relacionada à visão de Bourdieu sobre a dominação masculina. Segundo essa lógica, as mulheres preferem para cônjuges homens que sejam mais velhos, mais altos e mais poderosos

do que elas (BOURDIEU, 1998, p. 35-6), e é o pai (e o avô paterno) quem transmite interesses para os filhos e cuja ocupação importa para a posição social da família e dos descendentes (consultar Questionário de *Distinction*, de Bourdieu, 1984). Conquanto muitos estudos, incluindo o CCSE, confirmem que determinadas condições que se iniciam cedo na vida ao interior das famílias (de todos os tipos) impactam decisivamente muitas das habilidades pessoais e sociais dos indivíduos, essas habilidades não estão confinadas à família e nem nela se esgotam. Reconhecer que as famílias (de qualquer formato) jogam um papel crucial nas disposições individuais não significa que, como quer Bourdieu (1998, p. 69), nós vamos encontrar os “benefícios simbólicos da normalidade” apenas onde o pai simbolize a transmissão da *auctoritas* (BOURDIEU, 1998, p. 70).

Quando muitos tipos diferentes de família coexistem, as boas condições para a acumulação de capital cultural devem ser buscadas em conexões mais amplas. Os pais devem então ser individualizados e identificados segundo o gênero. Cônjuges também devem ser vistos como indivíduos, e relações eletivas devem ser consideradas como parte do repertório de gostos de um indivíduo que afetam sua posição social. Essa é uma base ontológica distinta de onde buscar conexões para identificar o que estrutura as práticas culturais na vida contemporânea.

O objetivo deste artigo é explorar nas várias formas de capital o papel do gênero na estruturação das posições. Isso será feito olhando de perto os efeitos das posições sociais dos progenitores e das parcerias conjugais. Haverá avanço no entendimento dessas questões graças às qualidades únicas do CCSE, que contém informações consideráveis sobre as mães, tanto quanto sobre os pais e sobre as disposições de ambos os membros do casal. Assim, é possível distinguir a significância potencial de práticas e heranças provenientes das mães comparadas àquelas provenientes dos pais.

Na primeira seção, são examinadas as conexões empíricas entre relacionamentos de pais e filhos no interior das classes sociais, tomando ocupação e nível de instrução como principais indicadores de posição no espaço social, para entender como gosto e posições sociais são herdados tanto em termos de gênero quanto de classe. A isso se segue um exame das afinidades eletivas entre cônjuges que vivem juntos. Esse é um tipo novo de exploração (consultar Lahire, 2004; Silva, 2005; 2006; e Silva e Le Roux, 2011), que expande a discussão teórica sobre os efeitos dos relacionamentos próximos dentro da teorização sobre mobilidade social. Conclui-se com uma discussão voltada para rever o lugar do gênero na teoria de classes e do capital cultural.

## HERDANDO POSIÇÃO E GOSTO

Tradicionalmente, as pesquisas sobre mobilidade social se concentram nos homens, embora estudos recentes têm examinado também – em maior ou menor extensão – as chances relativas de homens e mulheres vis-à-vis a posição de seus pais (GOLDTHORPE, 1987; SAVAGE et al., 1992; HEATH; PAYNE, 2000; SAVAGE; EGERTON, 1997), fornecendo um importante contexto para a análise. Na maioria dos casos, no entanto, o progenitor em questão é o pai. A análise aqui é ampliada, considerando o papel dos ativos herdados como originários de progenitores que possuem gênero – mães e pais – e que influenciam a posição social de descendentes que também possuem gênero – filhos e filhas.

As pesquisas têm revelado persistência nas divisões de gênero quanto à posse de ativos por crianças de classe média. Por exemplo, Mike Savage e Muriel Egerton (1997) relatam que os filhos de profissionais de alta qualificação estão na classe de serviços em maior proporção do que as filhas, mas as filhas desses profissionais estão sistematicamente em vantagem quando comparadas com as filhas de gerentes, o que pode refletir o “capital cultural” dos domicílios de profissionais. Os autores também demonstram que a mobilidade entre as mulheres está mais relacionada com suas qualificações educacionais do que entre os homens. Claramente, os padrões de mobilidade se associam a uma variedade de fatores, muitos deles enraizados na cultura.

Há argumentos que sugerem a possibilidade de que os níveis de reprodução de classe estejam crescendo atualmente, especialmente entre filhos e filhas da classe de profissionais, assunto que foi tratado no Reino Unido por John Goldthorpe (1996), por meio de análise quantitativa; por Diane Reay (1998; 2002), com base em entrevistas e estudos etnográficos; e por Fiona Devine (2004), por meio de um estudo comparativo qualitativo entre o Reino Unido e os Estados Unidos. Questões semelhantes têm emergido nos EUA, notadamente o debate de Paul DiMaggio e John Mohr (1985) e Susan Dumais (2002; 2006), fundamentados em evidências quantitativas, e o de Annette Lareau (1987; 1989; 2003) e Elliot Weininger e Lareau (2003), fundamentados em entrevistas e abordagens etnográficas<sup>5</sup>. A conexão escola-família tem sido central para os debates focados, de forma direta ou indireta, no impacto do capital cultural sobre o desempenho escolar e as trajetórias de mobilidade social. Uma vez que a escola absorve crianças com disposições

---

5 Um resumo dos limites da pesquisa já realizada nos EUA pode ser encontrado em Dumais (2006), que argumenta que problemas-chave nesses estudos se referem à operacionalização do conceito de capital cultural e à obtenção de “medidas” confiáveis.

variadas e quantidades diferentes de capital cultural herdado, ela oferece um terreno empírico atraente para estudos sobre a reprodução de privilégios. No entanto, o caráter de gênero do processo de reprodução social e cultural não foi apropriadamente examinado. Quais as diferenças entre os investimentos feitos por mulheres e homens, na condição de pais, em ativos de mobilidade social para seus filhos?

## **GÊNERO E OCUPAÇÃO POR MEIO DE GERAÇÕES**

A posição social das mães é obviamente importante quando elas são as únicas responsáveis pelos filhos ou quando são as principais provedoras do domicílio. Em 13,3% dos casos da pesquisa CCSE a mãe era a principal provedora no momento em que os respondentes tinham entre 14 e 16 anos de idade. A distribuição total das ocupações dos pais principais provedores dos respondentes e dos respondentes eles próprios é marcadamente similar. Contudo, as mudanças intergeracionais nas diferenças ocupacionais entre gêneros são muito significativas, como será examinado à frente. A questão que interessa é como a posição ocupacional dos pais se reproduz nas ocupações dos filhos.

As mães de respondentes homens, quando eram as principais provedoras de seus domicílios, na maioria se encontravam em ocupações gerenciais ou profissionais (37,5%), posição ocupada por uma proporção muito menor das mães principais provedoras de respondentes mulheres (17,6%) (Tabelas 1 e 2). Essas últimas se concentram em ocupações de semirrotina ou rotina (43%). As mães de homens, quando principais provedoras, tendiam a ter ocupações mais elevadas. Assim, o efeito da ocupação materna de nível mais baixo é mais forte sobre as respondentes mulheres: 60,5% das mulheres em ocupações de rotina e semirrotina tinham mães principais provedoras nesses mesmos grupos ocupacionais, contra 31% entre os homens em posição equivalente. O efeito do *status* ocupacional elevado dos pais se faz sentir mais intensamente quando o principal provedor é o pai. Claramente, isso é uma consequência dos menores ganhos das mulheres no mercado de trabalho e também do fato de que quando as mulheres são as principais provedoras elas geralmente tendem a ser as únicas responsáveis pela criação dos filhos. Esse é um achado importante a indicar a significância do tipo de família para os efeitos dos capitais herdados.

As tabelas 3 e 4 permitem um exame mais detalhado de como o gênero está implicado nos padrões de reprodução de classe. Elas apresentam os destinos de filhos e filhas com ocupações na classe de serviço, conforme a ocupação do/a prin-



**Tabela 1.** Mãe principal provedora: ocupação da mãe e do filho homem.

Ocupação do filho	Ocupação da mãe						Total
	Gerencial/profissional	Intermediária	Pequena empregadora/autônoma	Técnicas e supervisoras	Semirrotina/rotina	Nunca trabalhou	
Gerencial/profissional	8 42.1 [26.7]	1 5.3	1 5.3	5 26.3 [29.4]	2 10.5 [10.0]	2 10.5	19 100.0 [23.8]
Intermediária	4 30.8 [13.3]	-	2 15.4	2 15.4	5 38.5 [25.0]	-	13 100.0 [16.3]
Pequena empregadora/autônoma	3 50.0	-	-	3 50.0 [17.6]	-	-	6 100.0 [7.5]
Técnicas e supervisoras	2	-	-	1	1	1	5 100.0 [6.3]
Semirrotina/rotina	13 44.8 [43.3]	1	3 10.3	3 10.3 [17.6]	9 31.0 [45.0]	-	29 100.0 [36.3]
Nunca trabalhou	-	1	1	3 37.5 [17.6]	3 37.5 [15.0]	-	8 100.0 [10.0]
Total	30 37.5 [100.0]	3 3.8	7 8.8	17 21.3 [100.0]	20 25.0 [100.0]	3 3.8	8 100.0 [100.0]

principal provedor/a do domicílio, no momento em que o entrevistado tinha entre 14 e 16 anos. Os números entre parênteses representam os casos em que o principal provedor era homem. É possível, assim, ver as diferenças em relação aos números que não estão entre parênteses (que não discriminam por gênero) como um indicador do quanto a predominância da ocupação masculina influencia os destinos ocupacionais dos filhos, muito além dos casos em que o gênero do/a principal provedor/a é mantido neutro.

Vários pontos relevantes emergem aqui. Em primeiro lugar, em linha com Marshall et al. (1997), filhos são sistematicamente privilegiados em relação a filhas, considerando a amostra como um todo: os filhos desfrutam de 31,4% de chances de atingir a classe de serviço (Tabela 3), contra 25,7% para as filhas (Tabela 4). A escala das diferenças varia consideravelmente. Em um extremo, os filhos de profissionais gozam de uma vantagem de 11,4% sobre as filhas em atingir posições na classe de serviço (filhos de profissionais na classe de serviço = 55,1%; filhas de profissionais na classe de serviço = 43,7%); e filhos de baixos gerentes e trabalhadores autônomos têm uma vantagem de 12,3% sobre as filhas. No outro extremo, os filhos de escriturários e de técnicos não apresentam nenhuma vantagem sobre as filhas em alcançar ocupações na classe de serviço e nenhuma vantagem sobre filhas oriundas de todas as classes ocupacionais, exceto a de trabalhadores de rotina.

**Tabela 2.** Mãe principal provedora: ocupação da mãe e da filha mulher.

Ocupação da filha	Ocupação da mãe						Total
	Gerencial/profissional	Intermediária	Pequena empregadora/autônoma	Técnicas e supervisoras	Semirrotina/rotina	Nunca trabalhou	
Gerencial/profissional	10 33.3 [47.6]	9 30.0 [39.1]	3 10.0	-	8 26.7 [15.7]	-	30 100.0 [25.2]
Intermediária	6 33.3 [28.6]	2	1	1	7 38.9 [13.7]	1	18 100.0 [15.1]
Pequena empregadora/autônoma	1	1	1	1	3	-	7 100.0 [5.9]
Técnicas e supervisoras	1	1	-	3	1	-	6 100.0 [5.0]
Semirrotina/rotina	2 4.7	8 18.6 [34.8]	3 7.0	2 4.7	26 60.5 [51.0]	2 4.7	43 100.0 [36.1]
Nunca trabalhou	1	2	-	3	6 42.9 [11.8]	2	14 100.0 [11.8]
Total	21 17.6 [100.0]	23 19.3 [100.0]	9 7.6	10 8.4	51 42.9 [100.0]	5 4.2	119 100.0 [100.0]

Em segundo lugar, podem ser vistas importantes diferenças de posição entre filhos e filhas nas diferentes frações da classe de serviço. As filhas estão esmagadoramente concentradas em ocupações profissionais de nível inferior. Elas têm menos de um quarto das chances dos filhos de estar entre grandes empregadores ou gerentes (3,3% para homens – Tabela 3 –, comparado a 0,7% para mulheres – Tabela 4), atestando o forte viés de gênero existente nos escalões mais elevados de gerência. Elas têm pouco menos da metade das chances que os filhos de avançar para ocupações profissionais de alto nível (8,8% para filhos, contra 3,8% para filhas) e para posições inferiores de gerência (7,2% para filhos, contra 3,4% para filhas). É somente entre os profissionais de menor qualificação que as filhas prevalecem (17,8% para elas, contra 11,8% para os filhos), corroborando os achados de Crompton e Sanderson (1990) de que o estrato de profissionais de menor qualificação funciona como um “ambiente amigável” para as mulheres no interior da classe de serviço.

Em terceiro lugar, as filhas de profissionais desfrutam de vantagens de classe sobre as filhas de trabalhadores de rotina um pouco maiores do que os filhos nas respectivas posições. As filhas de profissionais têm três vezes mais chances de estar na classe de serviço do que as filhas de trabalhadores de rotina, diferença que excede ligeiramente a verificada entre filhos. É possível ver também que, quando se consideram apenas os indivíduos que foram criados em lares onde o principal

**Tabela 3.** Filhos homens em ocupações em serviços (porcentagens na linha) *versus* ocupação dos progenitores (números entre parênteses indicam progenitor masculino).

Ocupação do/a principal provedor/a	Filho: ocupação em serviços					Total	N=
	Grandes empregadores	Altos profissionais	Profissionais de nível inferior	Gerentes de nível inferior			
Profissional	6.6 (7.7)	19.8 (17.6)	21.7 (22.0)	7.5 (8.8)	55.1 (56.1)	106 (91)	
Alta gerência	9.8 (10.5)	12.2 (13.2)	2.4 (2.6)	9.8 (10.5)	34.2 (36.8)	41 (38)	
Gerentes de nível inferior/autônomos	4.3 (1.5)	17.1 (18.5)	15.7 (15.4)	12.9 (12.3)	50.0 (47.7)	70 (65)	
Escriturários/as	3.8 (5.1)	7.7 (7.7)	17.7 (17.9)	5.8 (7.7)	35.0 (38.4)	52 (39)	
Técnicos/as e artesãos/ãs	1.9 (2.1)	7.0 (7.5)	11.4 (11.6)	6.3 (6.2)	26.6 (27.4)	152 (146)	
Rotina	1.9 (1.8)	3.8 (3.5)	8.5 (7.0)	5.8 (5.3)	20 (17.6)	260 (227)	
Total	3.3 (3.4)	8.8 (9.0)	11.8 (11.6)	7.2 (7.4)	31.1 (31.4)	712 (610)	

**Tabela 4.** Filhas mulheres em ocupações em serviços (porcentagens na linha) *versus* ocupação dos progenitores (números entre parênteses indicam progenitor masculino).

Ocupação do/a principal provedor/a	Filha: ocupação em serviços				Total	N=
	Grandes empregadores	Altos profissionais	Profissionais de nível inferior	Gerentes de nível inferior		
Profissional	2.2 (2.8)	10.4 (11.1)	27.4 (30.6)	3.7 (4.6)	43.7 (49.1)	135 (108)
Alta gerência	0 (0)	3.2 (3.2)	29.0 (29.0)	0 (0)	32.2 (32.2)	31 (31)
Gerentes de nível inferior/autônomos	0 (0)	3.3 (3.6)	23.9 (21.4)	10.4 (10.7)	37.7 (35.7)	67 (56)
Escriturários/as	1.6 (2.3)	6.5 (6.8)	24.2 (25.0)	3.2 (2.3)	35.5 (36.4)	65 (44)
Técnicos/as e artesãos/ãs	0.5 (0.5)	4.0 (4.2)	19.5 (19.9)	1.5 (1.6)	25.5 (26.2)	200 (191)
Rotina	0.3 (0.4)	1 (0.8)	9.6 (11.6)	3.8 (4.3)	14.4 (17.1)	314 (258)
Total	0.7 (0.9)	3.8 (4.0)	17.8 (19.2)	3.4 (3.7)	25.7 (27.8)	853 (699)

provedor era o pai, isso tem pouco efeito sobre o destino ocupacional dos filhos homens (31,4% dos pais estão em ocupações na classe de serviço, comparados com 31,1% de todos os filhos homens), mas faz uma boa diferença para as filhas (27,8% de pais em ocupações na classe de serviço *versus* 25,7% das filhas). Isso sugere que as filhas de domicílios em que o principal provedor é o pai gozam de certa vantagem relativa sobre suas pares de perfis domiciliares diferentes. O pai faz mais diferença para as chances das filhas do que dos filhos.

Em quarto lugar, o estrato gerencial mais baixo é um destino relativamente marginal para aqueles que provêm de famílias no estrato profissional, sendo muito mais importante para filhos e filhas de ocupados no estrato gerencial mais baixo ou como trabalhadores autônomos. É possível de fato identificar certo grau de fechamento nas posições profissionais: 41,5% dos filhos (homens) de profissionais (sendo 19,8% de altos profissionais, somados a 21,7% de baixos profissionais) estão eles mesmos em uma dessas duas posições; entre as filhas, a proporção é de 37,8%

(respectivamente, 10,4% e 27,4%). Os números correspondentes para os filhos (homens) de ocupados em posições de alta gerência que chegam a profissionais são muito menores (12,2% de altos profissionais + 2,4% de baixos profissionais = 14,6%), mas o mesmo não se verifica entre as filhas (3,2% + 29% = 32,2%). Os números absolutos nesse caso são relativamente pequeno e é preciso ter prudência ao se fazer extrapolações.

Em geral, as implicações de gênero variam conforme as classes de origem e de destino. Domicílios de ocupados nos estratos de altas profissionais e de baixa gerência tendem a favorecer mais os filhos do que as filhas. O emprego em ocupações profissionais, especialmente nos estratos inferiores, é, no entanto, mais aberto às mulheres entrantes do que as ocupações gerenciais (especialmente as mais elevadas). Os ativos herdados da posição de classe dos pais operam por meio dessas diferentes posições ocupacionais, interagindo com o gênero de formas sutis, mas também impactantes.

## **GÊNERO E EDUCAÇÃO ENTRE GERAÇÕES**

A seguir é examinado o gênero em relação aos ativos de classe entre gerações, considerando as conexões entre os níveis de educação de pais e filhos. Qual é o efeito da educação atingida pelos progenitores sobre a educação dos filhos?

As mães sem instrução formal<sup>6</sup> compõem um grupo ligeiramente maior (52,7%) (Tabela 5) do que os progenitores com idêntico perfil educacional (49,2%) (Tabela 6). A proporção de pais e mães com diplomas acadêmicos é equivalente (7,2 e 6,9%, respectivamente), mas, de cinco progenitores com diploma de doutorado, quatro eram homens. O nível de instrução dos progenitores tende a afetar o dos filhos, embora de maneira geral os níveis de educação venham aumentando ao longo das gerações. Enquanto cerca de 20% dos indivíduos que possuem diplomas superiores têm progenitores com o mesmo nível de instrução, perto de 17% são filhos de indivíduos sem instrução formal e 30% de progenitores com apenas o nível elementar de instrução (equivalente a oito anos de estudo). Se um dos progenitores tem diploma universitário ou um doutorado, é mais provável que o indivíduo atinja o doutorado (cinco entre nove indivíduos com doutorado tinham pais com esse mesmo elevado nível de educação), mas há pelo menos três indivíduos com doutorado filhos de pais sem instrução formal.

Em apoio ao argumento de que as mulheres dependem mais exclusivamente de capital cultural do que os homens, vê-se que o nível de educação dos pais afeta mais intensamente as filhas, e a educação do pai tem efeitos mais fortes do

**Tabela 5.** Educação da mãe *versus* educação do/a respondente, segundo o sexo.

Nível mais elevado de instrução do/a respondente <sup>1</sup>		Nível mais elevado de instrução da mãe do/a respondente							Total	
		Sem instrução formal	Primária (GCSE O-level)	Secundária (A-level/higher)	Pos-secundária (especialização)	Graduação	Doutorado	Outro		NS/NR
Sem instrução formal	F	161 74.2 [34.5]	1	-	1	1	-	-	53 24.4 [30.3]	217 100.0 [25.5]
	M	146 71.0 [40.1]	4	2	2	2	-	-	47 23.2 [27.3]	203 100.0 [28.4]
Primária (GCSE O-level)	F	130 56.3 [27.9]	23 10.0 [23.7]	3	3	9 [14.3]	-	1	62 26.8 [35.4]	231 100.0 [27.1]
	M	61 43.0 [16.9]	18 12.7 [19.4]	2	1	7 4.9 [14.3]	-	-	53 37.3 [30.8]	142 100.0 [19.9]
Secundária (A-level/higher)	F	48 40.0 [10.3]	22 18.3 [22.7]	7 5.8	7 5.8	10 8.3 [15.9]	1	-	25 20.8 [14.3]	120 100.0 [14.1]
	M	27 30.0 [7.5]	18 20.0 [19.4]	10 11.1	1	9 10.0 [18.4]	-	-	25 27.8 [14.5]	90 100.0 [12.6]
Pos-secundária (especialização)	F	40 51.3 [8.9]	11 14.1	4 5.1	4 5.1	4 5.1	-	-	15 19.2 [8.6]	78 100.0 [9.2]
	M	55 59.8 [15.3]	10 10.9 [10.8]	1	1	4 4.3	-	-	21 22.8 [12.2]	92 100.0 [12.9]
Graduação	F	80 41.2 [17.2]	39 20.1 [40.2]	13 6.7	6 3.1	38 19.6 [60.3]	-	-	18 9.3 [10.3]	194 100.0 [22.8]
	M	59 36.4 [16.4]	43 26.5 [46.2]	11 6.8	9 5.6	22 13.6 [45.0]	-	-	18 11.1 [10.5]	162 100.0 [22.7]
Doutorado	F	3	-	-	-	-	-	-	-	3 [0.4]
	M	2	-	-	-	4	-	-	-	6 [0.8]
Outro	F	2	1	-	-	1	-	-	2	6 [0.7]
	M	9	-	-	-	1	-	-	6	16 [2.2]
NS/NR	F	2	-	-	-	-	-	-	1	3
	M	1	-	-	-	-	-	-	2	3
TOTAL	F	466 54.7 [100.0]	97 11.4 [100.0]	27 3.2	21 2.5	63 7.4 [100.0]	1 0.1	2 0.2	175 20.5 [100.0]	852 100.0 [100.0]
	M	360 50.4 [100.0]	93 13.0 [100.0]	26 3.6	14 2.0	49 6.9 [100.0]	-	-	172 24.1 [100.0]	714 100.0 [100.0]
Todas as mães (F + M)		826 52.7	190 12.1	53 3.4	35 2.2	112 7.2	1 0.1	2 0.1	347 22.2	1566 100.0

Para mais informações sobre as categorias educacionais empregadas neste estudo, consultar: <<http://rlab.lse.ac.uk/data/depository/terms.htm>>.

**Tabela 6.** Educação do pai *versus* educação do/a respondente, segundo o sexo.

Nível mais elevado de instrução do/a respondente		Nível mais elevado de instrução do pai do/a respondente								Total
		Sem instrução formal	Primária (GCSE O-level)	Secundária (A-level/higher)	Pos-secundária (especialização)	Graduação	Doutorado	Outro	NS/NR	
Sem instrução formal	W	143 65.9 [34.2]	4 1.8 [5.8]	-	6 2.7	1 0.5	-	2 0.9	61 28.1 [26.3]	217 100.0 [25.4]
	M	143 70.1 [40.5]	4 2.0 [5.7]	3 1.5	1	1	-	1	51 25.0 [31.9]	204 100.0 [28.5]
Primária (GCSE O-level)	W	109 47.2 [26.1]	4	3	1	1	-	1	51 22.1 [22.0]	231 100.0 [27.1]
	M	64 45.4 [18.1]	18 12.8 [25.7]	8 5.7	3	2	-	-	46 32.6 [28.8]	141 100.0 [28.5]
Secundária (A-level/higher)	W	50 41.7 [12.0]	13 10.8 [18.8]	9 7.5	7 5.8	4	-	-	34 28.3 [14.7]	120 100.0 [14.1]
	M	20 22.2 [5.7]	19 21.1 [27.1]	9 10.0	8 8.9	9 10.0	-	2	21 23.3 [13.1]	90 100.0 [12.6]
Pos-secundária (especialização)	W	40 51.3 [10.0]	6 7.7	3 3.8	6 7.7	3 3.8	-	-	20 25.6 [8.6]	78 100.0 [9.1]
	M	55 60.0 [15.6]	7 7.6	1	7	3	-	2	17 18.5 [10.6]	92 100.0 [12.9]
Graduação	W	72 37.1 [17.2]	24 12.4 [34.8]	12 6.2	9 4.6	42 21.6	2	-	32 16.5 [13.8]	194 100.0 [22.7]
	M	58 35.6 [16.4]	22 13.5 [31.4]	11 6.7	18 11.0	33 20.2	1	2	18 11.0 [11.3]	163 100.0 [22.8]
Doutorado	W	1	-	-	1	-	1	-	-	3 [0.3]
	M	2	-	-	-	4	-	-	-	6 [0.8]
Outro	W	1	1	-	1	1	-	-	3	7 [0.8]
	M	9	-	-	1	-	-	-	6	16 [2.2]
NS/NR	W	2	-	-	-	-	-	-	1	3 [0.3]
	M	2	-	-	-	-	-	-	1	3 [0.4]
TOTAL	W	418 49.0 [100.0]	69 8.1 [100.0]	30 3.5	39 4.6	56 6.6	3 0.5	3 0.5	232 27.2	850 100.0 [100.0]
	M	353 49.4 [100.0]	70 9.8 [100.0]	32 4.5	38 5.3	52 7.3	1 0.1	7 1.3	160 22.4 [100.0]	712 100.0 [100.0]
Todos os pais (homens) (F + M)		771 49.2	139 8.9	62 4.0	77 4.9	108 6.9	4 0.3	10 0.9	392 25.0	1563 100.0

que a das mães: 75% dos pais com graduação superior têm filhas com o mesmo nível de instrução, contra 60,3% das mães graduadas. A proporção de mulheres que têm graduação, filhas de pai graduado (21,6%) e de mãe graduada (19,6%) é consistentemente maior do que a dos homens de idêntico perfil (20,2% e 13,6%, respectivamente).

É interessante que muitas mulheres e homens com diplomas superiores vêm de famílias em que os pais ou não possuem qualquer qualificação educacional ou têm apenas o ensino fundamental ('O Level'). A Tabela 5 mostra que há mais de 60% de homens (36,4% + 26,5%) e mulheres (41,2% + 20,1%) com diplomas superiores que têm mães sem instrução formal ou apenas com o fundamental. Na Tabela 6 vê-se que aproximadamente metade dos homens e das mulheres com diplomas superiores tem pai sem instrução formal ou apenas com o fundamental. Isso mostra que as oportunidades educacionais vêm se expandindo ao longo das gerações na Grã-Bretanha. Contudo, essa tendência não invalida os privilégios de classe na criação dos indivíduos e indica que há mais do que pais e mães no processo de reprodução das desigualdades de oportunidades, que é outro aspecto das relações laterais que se pretende explorar na próxima seção.

Esse ponto vai além das qualificações escolares, incluindo *hobbies* e educação extracurricular, que jogam um papel significativo no posicionamento dos indivíduos em termos de capital cultural. Esses são meios pelos quais as classes médias, em particular, procuram ampliar seu capital cultural, e isso se aplica principalmente à educação dos filhos e filhas (LAREAU, 2003; DEVINE, 2004). Annette Lareau (2003) destaca incisivamente as estratégias de "cultivo orquestrado" das crianças das famílias de classe média norte-americanas, que vão desde a habilidade de olhar nos olhos de pessoas em posição de autoridade até a forma de apertar a mão ou de arengar com os irmãos, todas práticas relacionadas à classe social e que fazem diferença nas chances futuras das crianças de atingir posições na hierarquia social.

Na pesquisa CCSE, as questões relativas aos *hobbies*, aos interesses e aos passatempos dos pais, no momento em que os respondentes eram crianças, revelam que as mães têm interesses mais amplos do que os pais. Contudo, é para os tipos de interesses que as diferenças de gênero importam. Cinema e música popular interessam às mães em maior proporção, mas é cozinhar e praticar esportes que apresentam as maiores divisões de gênero entre pais e mães. Leitura, jardinagem e artesanato são interesses significativos dos pais, mas, enquanto o interesse pela leitura é mais forte entre as mães, jardinagem atrai mais os pais. A análise indica que a existência de *hobbies* de mães e *hobbies* de pais se associa ao engajamento

dos próprios indivíduos na cultura “legítima”, sendo as mães um pouco mais influentes do que os pais quando se trata de participação na cultura estabelecida.

Essa análise revela que, de modo geral, o gênero afeta a reprodução do capital cultural em sua forma institucionalizada, em termos dos níveis de escolarização. É perceptível também que a classe ocupacional e o nível de instrução dos pais contam mais do que o das mães. É significativo, ademais, que as filhas estejam reduzindo a tradicional desvantagem em relação aos filhos quanto à ocupação de posições profissionais elevadas, apesar de as desigualdades ainda persistirem. A classe ocupacional e o nível de instrução dos progenitores são muito importantes para a mobilidade social, mas não faz muita diferença se a herança vem do pai ou da mãe, ou de ambos, uma vez que é a disposição sobre esses ativos o que realmente importa. As diferenças de gênero encontradas na análise até aqui terão que ser exploradas em maior detalhe. A posição individual de homens e mulheres vem a ser muito significativa para suas identidades de gênero, mas dizem relativamente pouco sobre os investimentos que estes fazem para impulsionar a trajetória social de seus filhos e filhas. Na próxima seção, o gênero é tratado como um ativo, focando em como as escolhas conjugais feitas por mulheres e homens afetam seus recursos em termos de ativos de mobilidade de classe.

## **ESCOLHENDO SIMILARIDADE E DIFERENÇA: IDENTIFICAÇÃO COM OS CÔNJUGES**

Um conceito importante em Bourdieu (1984) é o de “afinidade eletiva”. Este se define como homologia entre gostos e fornece um sentido de compatibilidade social entre campos da cultura e também entre indivíduos ocupando posições similares no espaço social. Bourdieu (1990, p. 132) entende que as distâncias espaciais coincidem com as distâncias sociais, ou que o espaço social funciona como espaço simbólico. As posições ocupadas pelos indivíduos dependem da distribuição de recursos dentro de um campo e também das relações desse campo com os demais campos.

O que se pode dizer a respeito da homologia de posições entre cônjuges com base nos dados da CCSE? Em termos muito simples, de acordo com a hipótese da homologia, deveriam ser encontrados casais com níveis de educação formal similares. Segundo a lógica da dominação masculina, dever-se-ia esperar que as mulheres escolhessem para cônjuges homens com níveis de educação maiores do que os seus. Os dados oferecem evidências consideráveis de que este seja o caso. Entre as mulheres, a proporção das que não possuem instrução formal e não têm cônjuges (36,1%) é um pouco maior do que entre os homens (33,2%). Considerando



que há uma proporção ligeiramente menor de mulheres sem instrução formal (25,4%) do que de homens (28,5%), pode-se assumir que a educação formal é um ativo para as mulheres na hora de encontrar um cônjuge e que aquelas que não possuem instrução tendem a permanecer sozinhas em maior proporção do que as que possuem (Tabela 7).

Com exceção da configuração especial do grupo de indivíduos sem instrução formal, em todos os outros níveis os homens têm cônjuges com níveis de instrução inferiores aos seus, e as mulheres, conseqüentemente, têm cônjuges com instrução mais elevada do que a sua. Mas há certo número de indivíduos com níveis secundários de instrução (GCSE, A-levels ou especializações pós-secundárias) que têm cônjuges com diplomas superiores. No entanto, a maior homologia se verifica entre aqueles que, possuindo diploma universitário, encontram cônjuges do mesmo nível de instrução: 53,7% dos homens e 55,7% das mulheres. A amostra do CCSE inclui nove pessoas com diploma de doutorado, três delas mulheres. Os seis entre eles que são casados têm cônjuges com diploma superior ou doutorado. Enquanto há apenas um homem com doutorado casado com uma mulher com doutorado, há sete mulheres vivendo com cônjuges que possuem esse diploma.

Assim, em relação às duas hipóteses levantadas acima sobre homofilia, pode-se afirmar que a homologia dos níveis educacionais entre casais é mais forte nos

**Tabela 7.** Nível mais elevado de instrução obtido, segundo o sexo e a ocupação do(a) cônjuge.

	Respondente		Respondente homem		Cônjuge do respondente homem		Respondente mulher		Cônjuge da respondente mulher	
	Nº.	percent	Nº.	percent	Nº.	percent	Nº.	percent	Nº.	percent
Sem instrução formal	419	26.8	202	28.5	135	29.5	216	25.4	138	26.0
Primária (GCSE O-level)	372	23.8	140	19.7	116	25.4	231	27.2	116	21.8
Pos-secundária (especialização)	169	10.8	90	12.7	35	11.2	119	14.0	72	13.6
Secundária (A-level/higher)	210	13.4	92	13.0	51	7.7	78	9.2	65	12.2
Graduação	354	22.6	162	22.8	87	19.0	194	22.9	108	20.3
Doutorado	9	0.6	6	0.8	1	0.2	3	0.4	7	1.3
Outro	25	1.6	15	2.1	7	1.5	5	0.6	5	0.9
NS/NR	6	0.4	2	0.3	25	5.5	3	0.4	20	3.8
<b>Total</b>	<b>1564</b>	<b>100.0</b>	<b>710</b>	<b>100.0</b>	<b>457</b>	<b>100.0</b>	<b>849</b>	<b>100.0</b>	<b>531</b>	<b>100.0</b>

Respondentes sem cônjuge: homens = 253 (16.2%) e mulheres = 318 (20.3%).

níveis educacionais mais elevados e nos mais baixos e que as mulheres tendem a ter cônjuges com instrução mais elevada do que elas, mas elas tendem a permanecer sozinhas em proporções maiores quando não têm educação formal. Interessante notar que a lógica não é meramente a de mulheres que buscam cônjuges com maior potencial, como argumenta Bourdieu (2001), mas também a de homens que evitam mulheres sem credenciais educacionais mínimas.

A seguir, para explorar as homologias entre ocupações, são considerados os padrões de escolha de cônjuges (de acordo com suas posições ocupacionais) feitas por homens e mulheres que ocupam posições ocupacionais específicas. Homens e mulheres (de acordo com suas posições ocupacionais) escolhem cônjuges de modos diferentes?

Reproduzindo as tendências encontradas nos padrões de união segundo os níveis educacionais, as homologias ocupacionais entre casais para entrevistados homens são mais fortes nos extremos das escalas ocupacionais (Tabelas 8 e 9). Os homens no topo das categorias ocupacionais (níveis gerencial, profissional e intermediário) tendem a ter cônjuges predominantemente nas mesmas categorias ocupacionais (de 193 entrevistados homens ocupando posições no escalão gerencial e profissional, 50,8% têm cônjuges no mesmo escalão e 27,5% têm cônjuges em ocupações de nível intermediário). Os homens ocupados nas duas categorias inferiores – supervisores e técnicos e trabalhadores em ocupações de rotina ou semirrotina – são os que têm, em maior proporção, cônjuges ocupadas em categorias equivalentes (45% dos homens casados que estavam nessas ocupações tinham cônjuges também em ocupações de rotina ou semirrotina) (Tabela 8). É possível ver também como mulheres em posições de gerência ou profissionais tendem a se unir a indivíduos nas mesmas posições ocupacionais, mas uma parcela significativa das mulheres em posições altas (cerca de um quarto) tem cônjuges em ocupações de supervisão ou técnicas (Tabela 9), situação diferente da dos homens, que, quando estão em posições ocupacionais elevadas, tendem mais consistentemente a encontrar cônjuges também em posições elevadas. A homologia entre as ocupações de casais é, pois, relativamente mais forte no caso dos homens do que das mulheres.

Para resumir, a tendência mais forte é a de que homens em posições ocupacionais elevadas encontrem cônjuges em posições do mesmo nível. A outra tendência forte é a de que homens em posições ocupacionais baixas tenham cônjuges nas mesmas posições. Os grupos intermediários tendem a ser mais mistos. Mulheres em ocupações de rotina ou semirrotina têm cônjuges nesses grupos ocupacionais (36,1%) ou em ocupações gerenciais ou profissionais (24,7%). A maioria das mulheres que nunca trabalhou tem cônjuges ocupados como pequenos empre-

**Tabela 8.** Ocupação do respondente HOMEM e ocupação da cônjuge (apenas para os que têm cônjuge).

Ocupação do respondente homem	Ocupação das cônjuges dos respondentes homens						Total
	Gerencial/profissional	Intermediária	Pequeno empregador/autônomo	Técnicos e supervisores	Semirrotina/rotina	Nunca trabalhou	
Gerencial/profissional	<b>98</b> 50.8 (63.2)	<b>53</b> 27.5 (44.9)	<b>4</b> 2.1 (28.6)	<b>7</b> 3.6 (21.9)	<b>28</b> 14.5 (22.0)	<b>3</b> 1.6 (25.0)	<b>193</b> 100.0 (42.1)
Intermediária	<b>6</b> 40.0 (3.9)	<b>6</b> 40.0 (5.1)	-	<b>1</b> 6.7 (3.1)	<b>2</b> 13.3 (1.6)	-	<b>15</b> 100.0 (3.3)
Pequeno empregador/autônomo	<b>17</b> 31.5 (11.0)	<b>15</b> 27.8 (12.7)	<b>4</b> 7.4 (28.6)	<b>4</b> 7.4 (12.5)	<b>11</b> 20.4 (8.7)	<b>3</b> 5.6 (25.0)	<b>54</b> 100.0 (11.8)
Técnicos e supervisores	<b>21</b> 22.8 (13.5)	<b>22</b> 22.8 (18.6)	<b>2</b> 2.8 (14.3)	<b>8</b> 8.7 (25.0)	<b>39</b> 42.4 (30.7)	-	<b>92</b> 100.0 (20.1)
Semirrotina/rotina	<b>13</b> 12.6 (8.4)	<b>22</b> 21.4 (18.6)	<b>4</b> 3.9 (28.6)	<b>12</b> 11.7 (37.5)	<b>47</b> 45.6 (37.0)	<b>5</b> 4.9 (41.7)	<b>103</b> 100.0 (22.5)
Nunca trabalhou	-	-	-	-	-	<b>1</b> (8.3)	<b>1</b> 100.0 (0.2)
Total	<b>155</b> 33.8 (100.0)	<b>118</b> 25.8 (100.0)	<b>114</b> 3.1 (100.0)	<b>32</b> 7.0 (100.0)	<b>127</b> 27.7 (100.0)	<b>12</b> 2.6 (100.0)	<b>458*</b> 100.0 (100.0)

\*Excluem 2 “não classificados”.

gadores. Em consonância com essa tendência, homens cujas cônjuges nunca trabalharam encontram-se em maior proporção, por ordem decrescente, no grupo de pequenos empregadores, no de ocupados em trabalhos de rotina ou semirrotina e no grupo das ocupações gerenciais e profissionais.

Com o objetivo de examinar em maior detalhe como mulheres e homens apresentam homologias entre posições ocupacionais e educacionais, tanto como indivíduos quanto em suas uniões conjugais, passa-se a explorar os estratos mais altos e mais baixos das escalas ocupacional (Tabela 10) e educacional (Tabela 11).

A Tabela 10 mostra que, enquanto 75,8% das mulheres com graduação superior estão em ocupações gerenciais e profissionais, entre os homens essa proporção chega a 86,8%. A educação tem impacto maior sobre a posição ocupacional dos homens do que das mulheres (há 12 mulheres com graduação em ocupações de rotina/semirrotina e apenas três homens). Mulheres graduadas em ocupações gerenciais e profissionais tendem a ter cônjuges nessas mesmas ocupações em proporção maior do que os homens graduados (69,1% para mulheres; 64,1% para homens). Contudo, homens graduados que estão em posições no topo da escala

**Tabela 9.** Ocupação da respondente MULHER e ocupação do cônjuge (apenas para as que têm cônjuge).

Ocupação da respondente mulher	Ocupação dos cônjuges das respondentes mulheres						Total
	Gerencial/profissional	Intermediária	Pequeno/a empregador/a /autônomo/a	Técnicos/as e supervisores/as	Semirrotina/rotina	Nunca trabalhou	
Ocupação do respondente homem	<b>99</b> 55.9 (47.8)	<b>4</b> 2.3 (18.2)	<b>18</b> 10.2 (24.3)	<b>39</b> 22.0 (35.1)	<b>17</b> 9.6 (14.9)	-	<b>177</b> 100.0 (33.3)
Gerencial/profissional	<b>41</b> 41.4 (19.8)	<b>7</b> 7.1 (31.8)	<b>12</b> 12.1 (16.2)	<b>26</b> 26.3 (23.4)	<b>13</b> 13.1 (11.4)	-	<b>99</b> 100.0 (18.6)
Intermediária	<b>11</b> 40.7 (5.3)	-	<b>11</b> 40.7 (14.9)	<b>2</b> 7.4 (1.8)	<b>3</b> 11.1 (2.6)	-	<b>27</b> 100.0 (5.1)
Pequeno/a empregador/a /autônomo/a	<b>4</b> 19.0 (1.9)	<b>1</b> 4.8 (4.5)	<b>2</b> 9.5 (2.7)	<b>6</b> 28.6 (5.4)	<b>8</b> 38.1 (7.0)	-	<b>21</b> 100.0 (3.9)
Técnicos/as e supervisores/as	<b>48</b> 24.7 (23.2)	<b>9</b> 4.6 (40.9)	<b>25</b> 12.9 (33.8)	<b>38</b> 19.6 (34.2)	<b>70</b> 36.1 (61.4)	<b>4</b> 2.1 (50.0)	<b>194</b> 100.0 (36.5)
Semirrotina/rotina	<b>4</b> 28.6 (1.9)	<b>1</b> 7.1 (4.5)	<b>6</b> 42.9 (8.1)	-	<b>3</b> 21.4 (2.6)	-	<b>14</b> 100.0 (2.6)
Total	<b>207</b> 38.9 (100.0)	<b>22</b> 4.1 (100.0)	<b>74</b> 13.9 (100.0)	<b>111</b> 20.9 (100.0)	<b>114</b> 21.4 (100.0)	<b>4</b> 0.8 (100.0)	<b>532*</b> 100.0 (100.0)

\* excludes 3 'not classified'

ocupacional se unem a mulheres em posições gerenciais e profissionais ou intermediárias em proporção bastante alta (81,5%, ou 64,1% + 17,4%), enquanto mulheres com as mesmas características tendem em maior proporção a se unir com homens em posições ocupacionais mais baixas. Isso demonstra potenciais diferenças de orientação entre homens e mulheres em posições superiores ao escolherem cônjuges: homens em posições altas buscam mulheres em posições análogas em proporção maior do que as mulheres. Enquanto 31% das mulheres graduadas em ocupações profissionais e gerenciais têm cônjuges nas três posições ocupacionais mais baixas, entre os homens essa proporção é de 18%. Isso é o oposto do previsto por Bourdieu dentro da lógica da dominação masculina. Segundo ele, as mulheres sempre buscam cônjuges em posições mais altas do que elas próprias.

Indivíduos sem instrução formal estão concentrados em ocupações de rotina e semirrotina (61,7% das mulheres e 50% dos homens) (Tabela 11). Há relativamente mais mulheres (328 das 847 que têm cônjuges, ou 38,7%) do que homens (197 dos 711 que têm cônjuges, ou 27,7%) nessas ocupações (com diferentes níveis educacio-

nais), as quais concentram altas proporções de indivíduos que não têm cônjuges: 37,2% dos homens sozinhos e 42,5% das mulheres sozinhas estão em ocupações de rotina ou semirrotina. Pela Tabela 11, pode-se ver que mais da metade das mulheres (52,1%) sem instrução formal e que trabalham em ocupações de rotina e semirrotina têm cônjuges do mesmo grupo ocupacional. Entre os homens de mesmo perfil educacional e ocupacional a tendência é a mesma, mas em proporção um pouco menor (45,5%). Homens sem qualificação educacional nas ocupações de rotina e semirrotina têm cônjuges tanto em ocupações gerenciais e profissionais quanto intermediárias em muito maior proporção (13,6% + 13,6% = 27,2%) do que as mulheres de perfil equivalente (11,3% + 1,4% = 12,7%). Isso indica que os homens em posições mais baixas tendem a ter cônjuges em posições mais altas do que eles em maior proporção do que as mulheres em posições equivalentes, reforçando, como já salientado, uma tendência que vai contra a tese da “dominação masculina” de Bourdieu.

As mulheres têm cônjuges em posições ocupacionais inferiores às suas em proporção maior do que os homens. Para aprofundar o exame dessa conexão, as homologias entre níveis educacionais serão agora consideradas. Como os níveis de educação dos/as cônjuges se combinam? Há diferenças entre homens e mulheres no tocante ao nível educacional de seus cônjuges, segundo a posição ocupacional que eles/as ocupam?

A Tabela 12 apresenta indivíduos em ocupações gerenciais e profissionais. Nesse grupo há números ligeiramente maiores de mulheres graduadas do que de

**Tabela 10.** Mulheres e homens com graduação: quais as suas ocupações e quais as ocupações de seus/suas cônjuges?

Ocupação da(o) respondente		Ocupação das(os) cônjuges das(os) respondentes					Total	
		Gerencial/profissional	Intermediária	Pequeno/a empregador/a /autônomo/a	Técnicos/as e supervisores/as	Semirrotina/rotina		Nunca trabalhou
Gerencial/profissional	W	65 (69.1)	-	8 (8.5)	15 (16.0)	6 (6.4)	-	94 (100.0) [75.8]
	M	59 (64.1)	16 (17.4)	2 (2.2)	3 (3.3)	12 (13.0)	-	92 (100.0) [86.8]
Total (inclui todas as ocupações para os/as respondentes graduados/as que têm cônjuge)	W	89 (71.8)	3 (2.4)	8 (6.5)	20 (16.1)	8 (6.5)	-	124 (100.0) [100.0]
	M	69 (65.1)	19 (17.9)	2 (1.9)	3 (2.8)	13 (12.3)	-	106 (100.0) [100.0]

**Tabela 11.** Mulheres e homens sem instrução formal: quais as suas ocupações e quais as ocupações de suas/seus cônjuges?

Ocupação da(o) respondente		Ocupação das(os) cônjuges das(os) respondentes						Total
		Gerencial/profissional	Intermediária	Pequeno/a empregador/a /autônomo/a	Técnicos/as e supervisores/as	Semirrotina/rotina	Nunca trabalhou	
Técnicos/as e supervisores/as	F	1 (14.2)	1 (14.3)	-	4 (57.1)	1 (14.2)	-	7 (100.0) [6.1]
	M	4 (11.8)	4 (11.8)	1 (2.9)	2 (5.9)	23 (67.6)	1 (1.4)	34 (100.0) [25.8]
Semirrotina/rotina	F	8 (11.3)	1 (1.4)	13 (18.3)	11 (15.5)	37 (52.1)	1 (1.4)	71 (100.0) [61.7]
	M	9 (13.6)	9 (13.6)	4 (6.0)	11 (16.7)	30 (45.5)	3 (4.5)	66 (100.0) [50.0]
Total (inclui todas as ocupações dos/as respondentes sem instrução formal que têm cônjuges)	F	20 (17.4)	3 (2.6)	23 (20.0)	25 (21.7)	43 (37.4)	1 (0.9)	115 (100.0) [100.0]
	M	17 (12.9)	23 (17.4)	8 (6.1)	15 (11.4)	65 (49.2)	4 (3.0)	132 (100.0) [100.0]

homens, mas o número de cônjuges com graduação é similar. Entretanto, mais mulheres (7) do que homens (1) têm cônjuges com doutorado, o inverso da tendência de gênero dos respondentes que têm doutorado: duas mulheres e quatro homens; mas consistente com uma maior proporção de homens com doutorado.

A Tabela 13 mostra que há quase o dobro da proporção de mulheres casadas em ocupações de rotina e semirrotina do que de homens, mas os níveis educacionais das mulheres nessas ocupações são significativamente mais altos do que os dos homens, confirmando que as mulheres têm seus ativos educacionais desvalorizados frente aos dos homens para efeitos de suas posições na escala ocupacional. Enquanto nesse grupo de ocupações de rotina e semirrotina existem 66% de homens sem instrução formal, uma proporção similar de mulheres (64%) tem instrução secundária (GCSE) ou acima disso. Há 12 mulheres graduadas nesse grupo ocupacional e apenas três homens.

Embora exista uma ampla literatura sobre as diferenças nas posições de cônjuges no mercado de trabalho – incluindo estudos sobre como essas diferenças afetam os padrões de desigualdade na estratificação social entre famílias, bem como seu impacto na divisão doméstica do trabalho –, o estudo sistemático da

**Tabela 12.** Respondentes em ocupações de gerência e profissionais.

Nível mais elevado de instrução do/a respondente		Nível mais elevado de instrução do/a cônjuge do/a respondente								Total
		Sem instrução formal	Primária (GCSE O-level)	Secundária (A-level/higher)	Pos-secundária (especialização)	Graduação	Doutorado	Outro	NS/NR	
Sem instrução formal	F	4	2	-	1	-	-	-	-	7 [4.0]
	M	12 70.0	1	1	-	1	-	-	2	17 [9.0]
Primária (GCSE O-level)	F	9 27.2	10 30.3	4 12.1	2 6.1	5 15.2	1 3.0	-	2 6.1	33 100.0 [18.6]
	M	4 11.0	17 48.6	4 11.0	1 2.9	7 20.0	-	1 2.9	1 2.9	35 100.0 [18.5]
Secundária (A-level/higher)	F	4	5	12 46.1	4	4	1	-	-	26 [14.9]
	M	1	5	3	-	9 47.4	-	-	1	19 100.0 [10.1]
Pos-secundária (especialização)	F	3	3	-	1	2	-	-	-	9 [5.1]
	M	4	6 40.0	2	2	1	-	-	-	15 100.0 [7.9]
Graduação	F	9 9.6	8 8.5	16 17.0	9 9.6	48 51.0	4 4.3	-	-	94 100.0 [53.7]
	M	6 6.3	18 18.9	12 12.6	13 13.7	45 47.4	-	-	1 1.1	95 100.0 [50.3]
Doutorado	F	-	-	-	-	1	1	-	-	2 [1.1]
	M	-	-	-	-	3	1	-	-	4 [2.1]
Outro; NS/NR	F	1	-	1	1	-	-	-	-	3 [1.6]
	M	-	1	-	-	-	-	-	-	1 [0.5]
TOTAL	F	29 16.6	28 16.0	32 18.3	17 9.7	60 34.3	7 4.0	-	2 1.1	175 100.0 [100.0]
	M	28 14.8	48 25.4	23 12.2	17 9.0	66 34.9	1 0.5	1 0.5	5 2.6	189 100.0

escolha de cônjuges associada aos perfis ocupacionais e educacionais dos indivíduos realizado neste artigo é inovador. Em certos aspectos, resultados óbvios são confirmados; em outros, evidências importantes sobre as diferenças e desigualdades nas oportunidades de mulheres e homens em uniões voluntárias são reveladas, sublinhando a significância do gênero como um ativo para a posição social que tem pesos diferentes para mulheres e homens, dependendo em parte de suas conexões com outros ativos de privilégio que possam.

**Tabela 13.** Respondentes em ocupações de semirrotina e rotina.

Nível mais elevado de instrução do/a respondente		Nível mais elevado de instrução do/a cônjuge do/a respondente							Total
		Sem instrução formal	Primária (GCSE O-level)	Secundária (A-level/higher)	Pos-secundária (especialização)	Graduação	Doutorado	Outro	
Sem instrução formal	W	45 64.3	9 12.9	1 1.4	11 15.7	1 1.4	-	3 4.3	70 100.0 [36.3]
	M	38 56.7	16 23.9	2 3.0	1 1.5	-	2 3.0	8 11.9	67 100.0 [65.7]
Primária (GCSE O-level)	W	13 18.1	26 36.1	12 16.7	8 11.1	6 8.3	-	7 9.7	72 100.0 [37.3]
	M	5	6	1	1	1	-	2	16 [15.6]
Secundária (A-level/higher)	W	3	4	6	2	4	-	1	20 [10.4]
	M	1	2	3	-	1	-	2	9 [8.8]
Pos-secundária (especialização)	W	2	5	2	3	2	1	1	16 [8.3]
	M	1	2	1	-	-	-	2	6 5.9
Graduação	W	1	-	2	1	8	-	-	12 [6.2]
	M	1	2	-	-	-	-	-	3 2.9
Doutorado	W	1	-	-	2	-	-	-	3 [1.6]
	M	1	-	-	-	-	-	-	1 1.0
Total	W	65 33.7	44 22.8	23 11.9	27 14.0	21 10.9	1 0.5	12 6.2	193 100.0 [100.0]
	M	47 46.1	28 27.5	7 6.9	2 2.0	2 2.0	2 2.0	14 13.7	102 100.0 [100.0]

Na análise realizada das afinidades eletivas relacionando classes ocupacionais e níveis de instrução dos entrevistados pelo CCSE, três tendências principais são reveladas.

Em primeiro lugar, detecta-se uma homologia polarizada de parcerias conjugais entre aqueles/as que possuem educação superior, por um lado, e os/as que não possuem instrução formal, por outro. Mulheres sem instrução formal tendem a não ter parceiros, mas as mulheres tendem a ter cônjuges com níveis mais altos de educação do que elas próprias, especialmente quando elas atingiram o nível secundário. Entretanto, as mulheres tendem a ter cônjuges em posições ocupacio-



nais inferiores e com menos instrução do que elas próprias em maior proporção do que os homens.

Em segundo lugar, as mulheres são ligeiramente mais escolarizadas do que os homens. Ainda assim, as mulheres em ocupações de mais baixa qualificação são comparativamente mais escolarizadas do que os homens nas mesmas ocupações. Conseqüentemente, homens com baixos ativos educacionais atingem posições ocupacionais mais altas em maior proporção do que as mulheres com os mesmos ativos educacionais. Esse achado ecoa o argumento de Savage e Egerton (1997) de que os efeitos de classe são mais intensos para as mulheres, de acordo com o nível educacional atingido, enquanto os homens parecem capazes de se valer de outros recursos, como “herança direta ou contatos sociais” (BOTTERO, 2005; 2013).

Em terceiro lugar, homens em posições ocupacionais elevadas tendem a se unir com cônjuges em posições ocupacionais elevadas em maior proporção do que as mulheres. Inversamente, as mulheres têm cônjuges em posições ocupacionais mais baixas do que as suas em maior proporção do que os homens. Homologias de ocupações para homens e mulheres são mais fortes no topo e na base das classes ocupacionais e são mais representativas do padrão conjugal masculino.

Em resumo, o argumento é o de que os homens tendem a preservar sua posição dominante e gerar recursos adicionais para si mesmos por meio da união conjugal enquanto as mulheres tendem a perder potencial para acumular ativos em decorrência de suas escolhas de cônjuges. Não é possível concluir, porém, com uma teoria da dominação masculina nos termos propostos por Bourdieu (2001), porque, em vez da submissão feminina a uma estratégia de subordinação ao homem, implícita em sua teoria, afirma-se que o componente de gênero dos ativos de posição de classe não resulta apenas da ocupação de uma posição superior na estratificação social. Enquanto a maioria das pesquisas esteve focada na influência de recursos materiais ou estruturais, demonstra-se aqui a saliência dos diferentes recursos relacionais associados a diferentes posições de gênero de homens e mulheres, para a operação dos ativos.

## CONCLUSÕES

Os ativos herdados são importantes para a posição de classe, afetando os ativos que resultam de escolhas: a escolha da ocupação, a busca pela educação e o/a cônjuge com quem se vive. Contudo, a herança não determina as escolhas. O gênero importa tanto para os ativos herdados quanto para os de escolha.

Já se afirmou aqui que o gênero é um ativo mal compreendido nas análises empíricas de Bourdieu e que isso deriva de sua concepção de normalidade como

requisito básico para a geração e a ampliação de capitais. Normalidade recobre tanto uma divisão apropriada e tradicional do trabalho entre homens e mulheres quanto uma estrutura familiar “normal”. No entanto, há muitas evidências apontando para a existência de vários tipos de normalidade. Há evidências também a demonstrar a importância do gênero como um indicador adicional de diferença assim como de desigualdade.

Os casais são geralmente vistos como um indicador unificado. Neste artigo foi examinado como os ativos herdados de mães e pais por filhas e filhos indicam caminhos sutis pelos quais o gênero conforma as chances de mobilidade social. As mães investem mais na mobilidade de classe dos descendentes do que os pais. Quando o pai tem uma ocupação de *status* elevado e é o principal provedor do domicílio, os descendentes tendem a ter ocupações de *status* elevado. Isso está ligado também ao fato de a maioria das mulheres na condição de principais provedoras serem de fato mães sem cônjuge (e esse perfil de provedor/a único/a é muito menos comum entre os homens), fazendo do tipo de família um indicador importante dos efeitos dos ativos herdados. Progenitores/as em ocupações de tipo profissional geram uma maioria de filhas e filhos em ocupações profissionais, mas carreiras em ocupações gerenciais são herdadas mais frequentemente por filhos do que por filhas. Esses achados revelam que os ativos ocupacionais herdados interagem com o gênero de forma impactante, embora a sutil inflexão dos ativos de gênero demande uma exploração detalhada dos recursos transmitidos das classes sociais de origem para as de destino.

O nível de instrução do pai afeta o das filhas mais do que o dos filhos. Mães são mais empenhadas em passar para os filhos e as filhas os benefícios da cultura estabelecida, de onde a maioria das chances de mobilidade ascendente emerge (consultar também Silva e Le Roux, 2011). Contudo, é mais comum que elas pratiquem *hobbies*, como parte dos recursos complementares necessários ao “cultivo orquestrado” (conforme Lareau, 2003) dos ativos das crianças.

As formas pelas quais as escolhas conjugais ou de parcerias afetam a posição de um indivíduo na hierarquia social foram exploradas tanto para homens quanto para mulheres. Distinções foram identificadas, segundo as quais ser escolarizada é um ativo para as mulheres na busca de um cônjuge. Também os homens em posições mais elevadas buscam mulheres em posições elevadas. Essa é uma prática mais comum entre os homens do que entre as mulheres em posições elevadas, as quais não estão tão preocupadas em encontrar um cônjuge em posição igual à sua. As práticas das mulheres se revelam contrárias à lógica prescrita por Bourdieu (2001) em *Masculine domination*.

Gênero como ativo tem pesos diferentes para mulheres e homens. O gênero se conecta com outros ativos de privilégio, reforçando posições de variadas maneiras. Os modos como o gênero está implicado com ativos herdados e escolhidos mostram que ele opera no interior dos processos de estratificação social e tem implicações para as posições verticais – e hierárquicas – dos indivíduos, assim como para as escolhas horizontais de cônjuges.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Edison Bertoncelo pelo interesse em publicar este artigo, e a Alvaro Augusto Comin por sua excelente tradução. Estendo meu obrigado a meus colaboradores de pesquisa Cultural Capital and Social Exclusion - Tony Bennett, Mike Savage, Alan Warde, Modesto Gayo-Cal e David Wright - por me permitirem o uso do material neste artigo

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENNETT, T.; SAVAGE, M.; SILVA, E.; WARDE, A.; GAYO-CAL, M.; WRIGHT, D. *Culture, class, distinction*. Routledge: London, 2009.
- BOTTERO, W. *Stratification: social division and inequality*. London: Routledge, 2005.
- BOURDIEU, P. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Distinction: a social critique of the judgement of taste*. London: Routledge, 1984.
- \_\_\_\_\_. *In other words: essays towards a reflexive Sociology*. Cambridge: Polity, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Practical reason*. Cambridge: Polity Press, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Masculine domination*. Stanford: Stanford University Press, 2001. (First published in French 1998.)
- BOURDIEU, P.; J-C PASSERON. *The inheritors: French students and their relation to culture*. Chicago: University of Chicago Press, 1979.
- CROMPTON, R.; SANDERSON, K. *Gendered jobs and social change*. London: Unwin and Hyman, 1990.
- DEVINE, F. *Class practices: how parents help their children get good jobs*. Cambridge, Cambridge University Press, 2004.
- DiMAGGIO, P.; MOHR, J. Cultural capital, educational attainment, and marital selection. *American Journal of Sociology*, v. 90, p. 1231-1261, 1985.
- DUMAIS, S. Cultural capital, gender, and school success: the role of habitus. *Sociology of Education*, v. 75, n. 1, p. 44-68, 2002.

- \_\_\_\_\_. Early childhood cultural capital, parental habitus, and teachers' perceptions. *Poetics*, v. 43, n. 2, p. 83-107, 2006.
- GOLDTHORPE, J. *Social mobility and class structure in modern Britain*. Oxford: Clarendon Press, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Rational choice theory and large-scale data analysis*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- HEATH, A.; PAYNE, C. Social mobility. In: HALSEY, A. H.; WEBB, J. (Ed.). *Twentieth-Century British social trends*. Basingstoke: MacMillan, 2000. p. 254-78.
- LAHIRE, B. *La culture des individus: dissonances culturelles et distinctions de soi*. Paris: Éditions la découverte, 2004.
- LAREAU, A. Social class differences in family-school relationships: the importance of cultural capital. *Sociology of Education*, v. 60, n. 2, p. 73-85, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Home advantage: social class and parental intervention in elementary education*. Lanham, MD: Rowan and Littlefield, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Unequal childhoods: class, race and family life*. Berkeley: University of California Press, 2003.
- REAY, D. *Class work: mothers' involvement in children's schooling*. London: University College Press, 1998.
- \_\_\_\_\_. Class, authenticity and the transition to higher education for mature students, *Sociological Review*, v. 50, n. 3, p. 313-459, 2002.
- SAVAGE, M.; EGERTON, M. Social mobility, individual ability and the inheritance of class in inequality. *Sociology*, v. 31, n. 4, p. 645-672, 1997.
- SAVAGE, M.; BARLOW, J.; DICKENS, P.; FIELDING, A. J. *Property, bureaucracy and culture: middle-class formation in contemporary Britain*. London: Routledge, 1992.
- SILVA, E. B. Gender, home and family in cultural capital theory. *The British Journal of Sociology*, v. 56, n. 1, p. 83-103, 2005.
- SILVA, E. B. (no prelo) 'Cultural Capital', entry to *The Encyclopedia of Social Theory*, edited by Brian Turner et al., forthcoming 2016.
- \_\_\_\_\_. Homologies of social space and elective affinities: researching cultural capital. *Sociology*, v. 40, n. 6, p. 1171-1189, 2006.
- SILVA, E. B.; LE ROUX, B. Cultural capital of couples: tensions in elective affinities. *Poetics*, v. 39, n. 6, p. 547-565, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.poetic.2011.09.004>>.
- WEININGER, E.; LAREAU, A. Translating Bourdieu into the American context: the question of social class and family-school relations. *Poetics*, v. 31, p. 375-402, 2003.